

RESENHA

Livro: *Vitórias na Crise: Trajetórias das esquerdas Latino-Americanas Contemporâneas*.

Autor: Fabrício Pereira da Silva.

Editora Ponteio, 2011.

Renata Peixoto de Oliveira*

A presente obra apresenta uma sistematização bem acurada da literatura pertinente ao estudo dos Sistemas Partidários, sendo, portanto, bem embasada teoricamente e, contribuindo de maneira efetiva para a compreensão do recente fenômeno de ascensão das esquerdas em vários países da América Latina.

A análise realizada pelo autor, não se torna cansativa ao esmiuçar os aportes teóricos pertinentes a este tipo de estudo, nem mesmo exaustiva ao traçar a trajetória política dos partidos de esquerda que se propõe investigar. A narrativa se apresenta de maneira bem equilibrada entre a teoria e a análise dos casos a serem comparados, não existindo delimitação entre diferentes capítulos considerados teóricos ou destinados aos estudos de caso.

Teoricamente, existe uma importante contribuição do autor para a aplicação de aportes teóricos cujas referências clássicas seriam as esquerdas européias e o entendimento da realidade latino-americana.

No primeiro capítulo da obra, *Esquerdas Latino-Americanas Atuais: como estudá-las?*, o autor destaca o fato de que, nas últimas décadas, diversos estudos apontaram

a perda de representatividade das esquerdas, fenômeno este que na Europa ficou conhecido como a “onda rosa”, nomenclatura que designaria uma guinada ao centro e a crise das esquerdas diante da derrocada do Socialismo real. Neste momento, o autor chama a atenção para um aspecto crucial para o entendimento da realidade Latino-Americana, o fato de que aqui não ocorreu uma crise da esquerda, mas sim uma crise generalizada dos partidos políticos no momento em que o Estado se enfraqueceu diante da guinada neoliberal, o que gerou uma crise da representação, organizada, tradicionalmente, em torno dele. Com a crise do modelo Estadocêntrico as instituições políticas perderam legitimidade, justamente no momento em que estes países realizavam suas transições democráticas.

Estariamos vivendo a Pós-modernidade? Na região, esta modernidade estaria em sua terceira fase, fase esta em que mantém elementos centrais das fases anteriores, a relação com o mercado e o próprio Estado, uma relação que também manteria aspectos da relação existente entre centro e periferia do sistema capitalista.

É neste contexto que as esquerdas emergiram no cenário político regional dos últimos anos. Isto só foi possível, segundo a hipótese que norteia a obra, por que estas novas esquerdas adaptaram-se ao que o autor chama de “tradução regional da modernidade”. Estas novas forças de esquerda reconheceram e se adaptaram às

* Doutora em Ciência Política pela UFMG. Professora adjunta do curso de Relações Internacionais e Integração da UNILA. E-mail: renata.oliveira@unila.edu.br

principais mudanças políticas, sociais e econômicas pelas quais passaram estes países, ao longo das últimas décadas e por isso se tornaram viáveis eleitoralmente. Isto implica dizer, seguindo este argumento, que não existe uma onda rosa, uma guinada ao centro do espectro ideológico, mas uma adaptação à modernidade latino-americana. Estes partidos chegaram ao poder justamente por desenvolverem estruturas abertas a estas transformações.

Diante do exposto, o autor procurará compreender, ao longo deste trabalho, como alguns partidos de esquerda chegaram ao poder na região, investigando, basicamente a experiência Chilena através do Partido Socialista; o Movimento Al Socialismo (MAS) da Bolívia; o atual Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV); O Pátria Altiva y Soberana (PAIS) do Equador; a Frente Sandinista e Libertação Nacional (FSLN) da Nicarágua; a Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional (FMLN) de El Salvador e a Frente Ampla (FA) do Uruguai.

A análise prossegue no segundo capítulo da obra, Organização, centrando-se em aspectos importantes para a compreensão do funcionamento destes partidos na América Latina, da forma como se estruturam internamente e sua dinâmica relacional com a sociedade, o que contribui para uma importante comparação entre as esquerdas latino-americanas e Europeias. Neste capítulo, o autor centra sua análise nas características fluidas e abertas das estruturas organizativas destes partidos, responsáveis por seus aspectos movimentistas, fracionistas e frentistas que procuram absorver novos e amplos grupos sociais. Seguindo algumas tipologias sugeridas pela literatura sobre Partidos Políticos, o autor afirma que os principais partidos de esquerda na região possuiriam, portanto, elementos de partidos *catch-all* e profissional eleitoral. Dessa forma, estes partidos de esquerda teriam adotado formas de pluralismo organizativo, tornando-se

mais capazes de representar amplas massas, desenvolvendo estruturas abertas ao processo de democratização em seus países, diferindo-se das esquerdas tradicionais por não apresentarem uma organização tão centralizadora. Estes partidos se adaptaram aos novos tempos e ao contexto latino-americano se distanciando de modelos da esquerda tradicional leninista ou classista de massas. Desta forma, aumentaram sua capacidade de representação. Importante ressaltar que também se chama atenção para aspectos cruciais como a crescente institucionalização destes partidos e o papel central de suas lideranças, em sua maioria, personalistas e com forte apelo midiático, apelo este que seria funcional às novas formas de fazer política.

No terceiro capítulo do livro, Ideologia e Identidade, são buscados pontos de contato entre estas novas esquerdas enquanto salientam-se os pontos de afastamento das mesmas com relação às esquerdas tradicionais.

No que se refere aos aspectos ideológicos reforça-se a idéia de afastamento do marxismo-leninismo em uma clara busca de independência teórica e autonomia destes partidos que procuram adaptar-se apresentando um crescente policlassismo e reforçando elementos identitários como povo, etnia e nação. Ao contrário das velhas esquerdas, estas seriam plurais e heterodoxas, até mesmo superando a idéia de classe, criando um novo espaço simbólico para sua adaptação.

No capítulo sobre Democracia, o quarto do livro, o autor chama a atenção para o fato de que estas novas esquerdas também se diferenciam por apresentarem uma compreensão mais positiva da democracia representativa. Deste modo, não seriam considerados partidos anti-sistema por que optaram pela via eleitoral, além disso, em alguns casos, quando no poder, preservaram os mecanismos de democracia representativa, associando-os a mecanismos de Democracia Direta.

No capítulo que se segue, a posição anti-neoliberal destes partidos é considerada um elemento também fundamental para sua ascensão diante da crise daquele paradigma. A adoção de um discurso alternativo foi um elemento determinante para a recente onda de esquerda na região.

No Sexto Capítulo, a argumentação é ampliada, seguindo os mesmos preceitos e questões levantadas nos capítulos anteriores, para a análise de outros casos, que não mereceram tanto destaque nos primeiros capítulos da obra.

Por fim, encerra-se a obra com uma importante contribuição no que se refere as tipologias partidárias. O autor descarta interpretações que atribuam um caráter populista, autoritário ou considerem como socialdemocratas, os países da região. De igual maneira, descarta outros conceitos e tentativas de interpretação que confirmem uma velha dicotomia entre esquerdas reformistas e revolucionárias na região. Em verdade, todos estes partidos seriam reformistas por que chegaram ao poder por via legal. Ao invés disso, é proposta uma análise que não busque segmentar radicalmente as novas esquerdas, mas que apenas identifique algumas diferenças entre uma esquerda renovadora e uma esquerda refundadora. O primeiro caso seria representado pelos partidos FMLN, PSch, PT, FSLN e FA, enquanto o segundo caso se refere ao MAS, MVR/PSUV e PAIS.

Os partidos que representariam a chamada esquerda renovadora caracterizam-se por uma maior institucionalização e integração ao sistema político, além de aceitarem melhor as instituições democráticas representativas, realizando uma crítica moderada ao neoliberalismo. As esquerdas refundadoras tomariam o sentido contrário, para cada uma destas características apresentadas. Não se trata, aqui, de definir a existência de duas esquerdas, mas de salientar distinções entre os diferentes

partidos, suas trajetórias e contexto nacional específico.

Por estas importantes contribuições teóricas e pelos estudos de caso, realizados com considerável esmero, *Vitórias na Crise* se torna uma obra fundamental para quem procura compreender o recente fenômeno de ascensão das esquerdas na região sem cair em conclusões simplistas ou análises enviesadas.

Recebido em 19/07/2013
Aprovado em 05/08/2013